

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO UM RECURSO PARA A SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Antonio Carlos Vitte [1]



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

**Palavras-Chave:** Experiência Estética. Sensibilização Ambiental. Consciência Ambiental. Degradação Ambiental. Voçorocas. Organização da Paisagem.

A presente comunicação tem por objetivo apresentar uma proposta de sensibilização ambiental, fundamentada no conceito de *experiência estética*, conforme desenvolvida por Friedrich Schiller (1759-1805), desenvolvida na obra “A educação estética do homem”. (SCHILLER, 2003). Esse conceito exerceu forte influência na *naturphilosophie* e na obra de Schelling, além de ser fundamental para a construção das bases da geografia moderna com Alexander von Humboldt.

O pressuposto da experiência estética é que há uma unidade entre o físico e o espiritual, ou seja, entre o moral e o natural que constituem o conteúdo do Homem, ou seja, a natureza humana. Essa unidade também se manifesta na relação entre arte e ciência, onde o conceito de arte realiza-se na produção da vida, no trabalho e na ciência e, por sua vez, fazer ciência é também fazer arte, o que caracteriza uma estética objetiva e livre do excesso de intelecção, pois há um jogo a razão, a imaginação, a história e a política. Havendo uma objetividade no belo e no sublime, que se liga a uma razão prática, moral, que pode fundamentar a *experiência estética* e a construção da liberdade.

Portanto, a experiência estética é o ato de sensibilizar e de interferir na produção da consciência e da liberdade, em que o conceito de belo atua como mecanismo motriz na construção de um julgamento sobre o mundo. Há assim, um

despertar, uma sensibilização do sujeito, da razão, que tem em sua constituição não apenas regras formais e lógicas, mas elementos subjetivos-objetivos, que se conectam a diferentes outros elementos como a intuição, por exemplo, que de maneira diferenciada constituem a totalidade sujeito, portador de uma moral e de uma postura sobre o mundo.

De nossa parte acreditamos que esse seja um dos principais elementos que confunde e muitas vezes não permite o pleno desenvolvimento das ações de sensibilização e até mesmo de constituição de uma consciência ambiental, como nos casos dos movimentos populares ligados à moradia. Os trabalhos técnicos, as informações e as práticas pedagógicas nas escolas e das organizações não-governamentais (ONGs) e sindicatos, por exemplo, embora muito positivos, acabaram por esbarrar no momento de sua efetivação, ou seja, a sua transposição do plano do discurso para a realização-efetivação prática, em que muitas vezes, práticas outras, como as demagógicas acabam se sobrepondo aos esforços, ou então, o discurso tecnológico acaba sobrepondo à ação dos indivíduos. Situação idêntica a essa, tivemos a oportunidade de vivenciar em duas oportunidades, ambas na cidade de Bauru (SP). O primeiro caso ocorreu no Jardim Nicéia, e está relacionada à ação de movimentos sociais, que na época do plano diretor municipal, passaram a questionar fortemente as suas diretrizes, havendo nesse processo um re-ligamento entre os indivíduos, que por suas experiências de vida, se encontraram e passaram a formar um bloco questionador, onde o direito de posse da terra urbana (usucapião) e as questões da degradação ambiental estavam em pauta e se soldavam em uma estrutura conceitual e questionadora da realidade que era excludente e segregadora. Todo esse processo foi instrumentalizado por ONGs e Associações Civis, como a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), secção Bauru e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). (SANTOS, 2008; CORGHI, 2008). Essa instrumentalização passou por uma fase em que os moradores do Jardim Nicéia receberam informações sobre a organização da natureza, ou seja, as qualidades do sítio urbano de Bauru e do próprio Jardim Nicéia. Foi apresentado um quadro sobre os solos, o relevo, a vegetação e os processos erosivos, no caso, as

voçorocas urbanas. Essas estão diretamente relacionadas ao processo de produção do espaço urbano em Bauru e por consequência ao fenômeno da periferação e segregação sócioespacial.

No caso, a catalização dos moradores ocorreu primeiramente pela exclusão do Jardim Nicéia do Plano Diretor, mas o mecanismo de sensibilização foi a questão das voçorocas e da vegetação, no caso o movimento entendeu que a luta pela preservação de uma área de cerrado no platô de Bauru, próximo ao campus da UNESP, seria uma boa estratégia para o questionamento do Plano Diretor e sensibilização da sociedade. Estratégia que se revelou muito forte e de grande impacto na sociedade local e nacional, obrigando, em muitas audiências públicas, o poder local a recuar estrategicamente em seu objetivo de ver o Plano Diretor aprovado e as áreas de vegetação nativa transformadas em condomínios e loteamentos fechados de alto padrão.

O desencadeamento das reivindicações terminou de forma traumática e chamou à atenção para as discussões sobre os movimentos sociais. Afinal, o que teria levado à desmobilização das pessoas? O que explicaria a volta da apatia?

A outra experiência foi desenvolvida junto a professores e alunos das escolas públicas, também de Bauru (SP) e teve como recorte a bacia hidrográfica do rio bauru e a questão da degradação ambiental, o objetivo era sensibilizar os alunos sobre o grave problema da erosão urbana que afeta aquela bacia. Para isso, foram realizadas várias reuniões com os professores das escolas estaduais de Bauru, em que além de uma capacitação e reciclagem sobre a geografia, principalmente com a abordagem da geografia física. Houve também a participação de coordenadores de língua e literatura portuguesa e brasileira, educação artística, matemática e ciências; pois, a estratégia era fornecer a partir de um recorte temático e espacial, possibilidades educacionais, lingüísticas e semióticas aos alunos no sentido de sensibilizá-los para a temática ambiental e o papel da água na geração da vida. Os trabalhos foram desenvolvidos em sala de aula e em trabalhos de campo, em que

cada escola ficou responsável por um setor da bacia, no caso aquele localizado o mais próximo possível de si e da realidade dos alunos e de suas famílias. (SANTOS, 2008).

Muito embora os resultados alcançados sejam melhores que o exemplo anterior, algumas dificuldades foram encontradas, como por exemplo, a linguagem técnica, a falta de vivência interdisciplinar dos professores e alunos, objetivos não muito claros ou considerados distantes pelos alunos, falta de melhor entrosamento escola-família para desenvolver efetivamente o sentido de participação e, principalmente, a falta de continuidade e investimentos por parte da própria secretaria de educação do Estado, que envolve recursos financeiros e avaliação de estratégias.

Esses dois casos, muito embora com práticas diferenciadas devido aos objetivos, apresentam alguns elementos em comum. O primeiro é o tema da natureza que aparece em ambos e que foi o potencializador para o processo de sensibilização, o segundo o espaço, pois permite sob o ponto de vista empírico o desenvolvimento da experiência em observar a natureza e os seus fenômenos na organização da paisagem. Outro fator importante foi a história, seja a da produção do espaço urbano ou a de constituição das famílias e suas representações e vivências da natureza e de seus tempos, nas mais diversas regiões e ocasiões na vida das pessoas. O fator da história realçou o papel e a importância da cultura na vida das pessoas e em suas percepções sobre o mundo e a natureza. Ou seja, a valorização da natureza e do espaço sob um ponto de vista antropológico, onde se realiza a cultura e suas mediações com o mundo empírico.

Apesar desses aspectos de interligação e positivos no processo de aprendizagem, algumas considerações para a sensibilização ambiental devem ser levantadas no sentido de aperfeiçoamento das estratégias.

A primeira consideração é o aspecto político, não aquele vinculado a partido

ou ideologia, mas a política enquanto realização do sujeito e da cidadania. Segundo nossa concepção, houve faltou um lastro filosófico que sustentasse as ações, ou seja, o processo de sensibilização-transformação deveria ser mediado por uma abordagem filosófica, para a formação da consciência, ou seja, o processo de mediação de construção do sujeito se dá concomitante com a antropomorfização da natureza e da cultura ao mesmo tempo. Nesse sentido, o conceito de natureza ficou em ambos os exemplos, estático e muito distante dos atores, foi concebido apenas sob o ponto de vista pragmático no primeiro caso e como algo lúdico, mas incompreensível no segundo, pois passada em um sentido muito intelectualista e nada objetivo.

O que faltou em ambos os casos foi um impulso lúdico, dado pela relação natureza-cultura-sociabilidade-sensibilidade. Esse impulso lúdico é o sentido estético do mundo, objetivo, que medeia o prático, o moral, o político e o transcendental, cuja interação seria dada pelo sentido de beleza e arte. Arte, *poiesis*, o fazer cotidiano mediado pela cultura, história e natureza, onde o indivíduo se antropomorfiza e ao mesmo tempo se socializa e se reconhece no outro a seu sentido de totalidade de sua ação como importante ferramenta para a construção da liberdade.

A sensibilização deve ser um impulso da cultura e da experiência estética, onde o sentido de liberdade, onde se realiza pela arte, que é a produção do sentido e da experiência da existência. Esse impulso estético, objetivo, prepara para a liberdade, realizando a descoberta do *em-si* e do *para-si*, ou seja, do cidadão.

Os programas de sensibilização ambiental devem ser guiados por uma regra filosófica, mediados pela estética, capaz de gerar o sentido de liberdade e consciência, enquanto natureza consciente do mundo.

## **Bibliografia**

CORGHI, F. N. **Urbanização e segregação sócio-espacial em Bauru (SP):** um estudo de caso sobre a bacia hidrográfica do Córrego Água Comprida. Dissertação (Mestrado em Geografia), IG-Unicamp, Campinas, 2008.

SANTOS, J. A. dos. **Cidade e natureza:** relações entre a produção do espaço urbano, a degradação ambiental e os movimentos sociais em Bauru (SP). Tese (Doutorado em Geografia), IG-Unicamp: Campinas, 2008.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

---

### **Informações sobre o autor:**

[1] Antonio Carlos Vitte – <http://lattes.cnpq.br/0969451922378335>  
Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IG-Unicamp,  
Campinas (SP), Pesquisador CNPq.  
Contato: [vitte@uol.com.br](mailto:vitte@uol.com.br).